

## A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA FRANÇA. OFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO

<sup>1</sup>**Jane Eyre Rios de Macêdo Ferreira** – janeeyre@engetower.com.br

<sup>2</sup>**Antônio de Pádua Nunes Tomasi** – tomasi@uai.com.br

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET – MG)  
Avenida Amazonas, nº 7675, Bairro Nova Gameleira  
30510-000 – Belo Horizonte – Minas Gerais

**Resumo:** *A formação profissional na França é marcada frequentemente pelo fracasso escolar. A escola francesa, igualitária, trata desigualmente os filhos das populações mais pobres, que, sob condições desfavoráveis, já se encontram em desvantagens antes mesmo de serem escolarizados. Os jovens, filhos dessas populações tomarão quase que inevitavelmente o caminho da formação operária e substituirão seus pais nos trabalhos mais duros, enquanto os filhos dos profissionais liberais, entre outros, tomarão o caminho da formação superior e poderão acessar cursos como os de engenharia, por exemplo. Sob o argumento do mérito, que isentaria a escola de responsabilidades nos caminhos profissionais tomados pelos jovens, reproduz-se a classe operária francesa. Enquanto educadores franceses confirmam esse fato, jovens de um Liceu Técnico e Profissional \_ na área de engenharia civil \_ entrevistados nesta pesquisa mostram que no cotidiano da escola uma das formas de introduzi-los à formação profissional operária é fazendo-os aceitar resignadamente o fracasso escolar como sendo de sua responsabilidade e uma formação, que é quase sempre decidida pelo Liceu, como sendo a melhor para eles. O acesso desses jovens aos cursos de engenharia civil parece exigir, entre outras coisas, romper com essa resignação, incorporar novas referências de vida e contar com a ajuda da família.*

**Palavras-chave:** *Formação profissional na França, Engenharia, Ensino superior, Formação operária, Fracasso escolar.*

### INTRODUÇÃO

Trabalhadores de diferentes ofícios, engenheiros, arquitetos, pedreiros, carpinteiros e tantos outros, sempre estiveram presentes em todas as sociedades e mesmo em civilizações antigas. As sociedades atuais dependem ainda desses ofícios e de muitos outros com os quais conta ou virá a contar no futuro. Se, por um lado, as sociedades dependem desses ofícios e de seus trabalhadores e deles não pode abrir mão, por outro lado, que fator ou fatores contribuiriam para que um jovem tome o caminho, por exemplo, da engenharia e outro o do operariado? Ou, para que um jovem tome o caminho do ensino superior e outro o da formação operária?

Trata-se de uma questão tão antiga quanto incômoda de ser abordada, não pela simples razão de que alguém deve assentar tijolos e outro deve elaborar projetos estruturais para a Construção Civil \_ mesmo porque a sociedade não pode ser constituída apenas de

<sup>1</sup> Aluna do Mestrado em Educação Tecnológica, bolsista do CEFET/MG e pesquisadora no PROGEST-CEFET/MG.

<sup>2</sup> Professor do Mestrado em Educação Tecnológica e líder do grupo de pesquisa PROGEST-CEFET/MG.

engenheiros, arquitetos e outros profissionais do ensino superior, ela precisa, também, de pedreiros, carpinteiros, ajudantes, mas pelos mecanismos e critérios socialmente construídos que encaminham uns para umas atividades profissionais e outros para outras.

Sabe-se que a lógica da divisão social do trabalho, velha conhecida das lutas sociais e da academia, não apenas delinea ofícios, mas também classes sociais às quais eles se articulam. Em sociedades marcadas por classes sociais muito distintas, economicamente distantes, e pela ausência ou quase ausência de mecanismos de proteção, promoção ou de bem-estar social as desigualdades tendem a ser bem marcadas e os caminhos que tomam os jovens nas suas vidas profissionais jogam um papel importante na produção e na reprodução das desigualdades: operários tendem a serem filhos de operários e pais de outros, igualmente operários.

Na outra ponta, filhos de profissionais liberais ou bem posicionados social e profissionalmente tendem a seguir o caminho dos pais ou ocupar cargos de elevada importância nos diferentes espaços de trabalho.

Seguramente não se pode apontar um único mecanismo responsável pelo caminho profissional tomado pelo jovem, futuro trabalhador. O contexto cultural, social, econômico e mesmo afetivo familiar, as experiências de vida e as múltiplas redes e relações sociais estabelecidas pelos jovens, a capacidade intelectual dos indivíduos, as demandas de mercado, para citar apenas alguns, desempenham um papel importante na trajetória profissional a ser tomada pelo jovem, futuro trabalhador. Dentre esses mecanismos destacamos o sistema escolar, não apenas porque a escola a cada dia se torna mais importante na vida dos jovens, ocupando parte importante de seu tempo, mas porque, em princípio, ela deve prepará-los para a vida e, muito especialmente, porque é portadora de valores, princípios e práticas muito precisas. A própria sociedade e a família vêem a escola como um espaço privilegiado na preparação do futuro dos jovens e não apenas profissional. As famílias acreditam que a escola abrirá as portas do mundo e da sociedade para os seus filhos.

Elas acreditam que a partir da escola os jovens serão alçados a postos socialmente elevados independentemente da classe social de origem. Acreditam que a escola lhes permitirá ascender socialmente e, ainda, que a escola constrói e utiliza critérios justos de avaliação e de promoção desses jovens. É bem verdade que sem a escola os filhos da classe operária terão ainda menos oportunidades, entretanto, daí acreditar que escola os alçará a postos socialmente elevados não vai uma distância muito grande? Tudo indica que sim e para assegurar que seus filhos possam ser bem sucedidos na escola e profissionalmente, ou acessarem cursos como o de engenharia as famílias e os jovens lançam mão de seus recursos, ainda que escassos.

## 1 A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA FRANÇA

Trabalhadores em todo o mundo são mais escolarizados, atualmente, do que eram há apenas um século. Não obstante a escolarização cada vez mais elevada dos operários ela não tem representado uma mobilidade profissional, que, quando ocorre, fica restrita à própria classe operária. “*S’il existe des possibilités de mobilité sociale, elles sont dans la majorité des cas, internes à la classe ouvrière.*” (DUBET, 1992). Em outras palavras, muito embora a escolarização seja considerada importante, sobretudo para fazer frente às demandas dos novos postos de trabalho, ela não é suficiente e filhos de operários continuam sendo, na maioria dos casos, operários (ROPE & BRUCY, 2000). Ela não é suficiente para que filhos de operários, ainda que escolarizados, possam ocupar outra profissão, com maior reconhecimento social, que não a dos seus pais ou profissões equivalentes.

Em países com classes sociais bem distintas, como o Brasil, bens sociais, como a educação, não são distribuídos igualmente o que faz com que convivamos, como se natural fosse, com escolas pobres para pobres e escolas ricas para ricos. A “universalização do

ensino” como direito inalienável de todos, mal esconde as desigualdades que, na prática, podem ser constatadas. Um mesmo nível de escolaridade pode, por exemplo, comportar qualidade de ensino diferente se cursado numa ou noutra escola. No nosso país, no ensino fundamental e médio, de modo geral, o ensino de qualidade é mais facilmente encontrado nas escolas particulares. Essas escolas se destinam aos filhos das classes média, média alta e rica, as que podem arcar com o seu custo que é elevado. Nas escolas públicas, sobretudo nas últimas décadas com as políticas de diferentes governos de levar o ensino a todos os jovens em idade escolar, a qualidade, que no passado podia ainda ser identificada, não acompanhou a ampliação da rede pública de ensino e deixa muito a desejar. Essas escolas, com raras exceções, são predominantemente ocupadas pelos filhos dos mais pobres<sup>3</sup>.

O inverso, também com algumas exceções, ocorre da mesma forma no ensino superior. A baixa qualidade do ensino fica por conta da instituição particular e o ensino de qualidade se desloca para a universidade pública (SAVIANI, 1985). Como vem sendo denunciado há décadas por estudiosos da Educação, acompanham essa inversão os jovens que pretendem continuar os seus estudos: mal preparados, os que fizeram a escola pública se destinam às faculdades particulares, enquanto os que cursaram as escolas particulares, bem preparados por elas, são aprovados nos disputados vestibulares e nos prestigiados cursos das universidades públicas, assegurando o seu lugar.

Não obstante tentativas no sentido de reverter esse quadro sejam registradas, parece que temos, ainda, um grande caminho pela frente. Importa-nos, todavia, registrar aqui, que, de modo geral, o caminho que toma o jovem brasileiro –, a formação superior ou a formação operária –, está definido, em grande medida, por um sistema escolar que admite duas escolas, uma pobre para o pobre e outra rica para o rico. Neste sentido, os caminhos a serem tomados pelos jovens, futuros trabalhadores, sejam eles engenheiros ou operários, parecem estar mais relacionados ao que essas escolas são capazes de lhes oferecer do que, propriamente, suas capacidades intelectuais. Em outras palavras, diferentemente do que podem acreditar os pais, o mérito pode ter um papel pouco relevante para o futuro profissional de seus filhos. Depreende-se daí que, diferentemente do que se pensa habitualmente, o fracasso ou o sucesso escolar dos jovens se mostra muito mais ligado à escola do que, propriamente a eles. Se há algo de positivo no fato é que o fracasso escolar pode não ser sentido pelos jovens como um fracasso pessoal, o que muito possivelmente não é livrando-os de tal estigma.

Se, é aceitável dizer que em países como o Brasil tornar-se operário, engenheiro ou outro profissional de igual reconhecimento social está intimamente relacionado a um sistema escolar que permite a convivência de escolas qualitativamente desiguais, que mecanismos lançar mão para atender a sociedade nas suas necessidades por mão de obra operária se essa desigualdade desaparece? No caso a escola não mais jogaria qualquer papel no caminho profissional a ser tomado pelos jovens?

Se não podemos da noite para o dia oferecer aos nossos jovens, independentemente de sua origem sócio-econômica, uma escola de igual qualidade porque não voltarmos nossa atenção para países que assim estruturam o seu ensino e, não obstante a crise internacional que os atinge no momento eles conseguem ainda mantê-lo.

---

<sup>3</sup> Exceções a esta regra são as escolas técnicas, sobretudo públicas, como os Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs, na sua grande maioria transformados, recentemente, em Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia. Nessas Instituições o acesso se faz via concorrido concurso, que abre as portas da Instituição para os intelectualmente mais bem dotados. Os CEFETs e os Institutos ainda mantêm o público alvo de sempre, ou seja, os filhos das populações pobres. A ainda que isto venha mudando rapidamente, não é exagerado dizer que seu alunado, sobretudo o de nível técnico, é constituído da elite intelectual dessas populações. Essas Instituições, na sua grande maioria, mantêm, também, cursos de engenharia, mas os alunos desses cursos não têm necessariamente o mesmo perfil sócio-econômico dos que se encontram no ensino técnico.

A França é um desses países e, talvez, o mais exemplar devido à importância que sempre reconheceu à educação. Se tomarmos o século XX como referência e, sobretudo, após a II guerra mundial, a universalização do ensino de qualidade, que promovia o conjunto da sociedade francesa, parecia conviver bem com a mão de obra operária imigrante até que esses mesmos imigrantes e seus filhos não mais voltaram para seus países de origem e passaram a ver no sistema educativo francês uma oportunidade de inserção social e de mobilidade profissional. Teriam mesmo eles essa oportunidade? Que percurso escolar deve fazer o jovem, futuro engenheiro francês, para acessar o seu diploma? Que papel joga a escola nesta questão?

## **2 O SISTEMA EDUCATIVO NA FRANÇA E A FORMAÇÃO NOS OFÍCIOS DE ENGENHARIA**

O sistema educativo francês, bastante antigo, data, sobretudo, do período da República e seus princípios educativos foram proclamados ainda nos primeiros anos da III República, estabelecendo, a partir de então, uma escola laica, igualitária e obrigatória \_atualmente para alunos de 6 a 16 anos.

Estruturado em duas redes de ensino, o primário e o secundário, ambos se desenvolvem de acordo com lógicas próprias. Na rede de ensino secundário encontramos os Liceus Acadêmicos e os Liceus Técnicos e Profissionais. Enquanto os primeiros se destinam às universidades ou às chamadas Grandes Escolas (engenharia, entre elas) os segundos se destinam à formação operária, ainda que alguns alunos possam chegar ao ensino superior.

O sistema educativo francês conta, também, com as Universidades. Fundadas há dois séculos por Napoleão. Elas viveram em 1968 suas transformações mais expressivas, rompendo com a antiga organização oligárquica das instituições de ensino superior. São essas instituições que recebem, hoje, os alunos que cursaram, com bom desempenho escolar, os chamados Liceus Acadêmicos.

O Baccalauréat<sup>4</sup> é a exigência mínima para que o estudante acesse o ensino superior. Para as formações mais diversificadas, para onde flui a grande maioria deles, esse diploma é suficiente (sistema aberto), mas para outras formações, normalmente encontradas nas Grandes Escolas, são exigidos exames, dossiês e entrevistas (sistema seletivo).

O ensino superior oferece possibilidades tanto para as carreiras acadêmicas, podendo levar aos diplomas de Licenciatura, aos das áreas Literárias, Científicas, Econômicas e Sociais, aos mestrados e doutorados que os acompanham, quanto para as carreiras profissionais, que preparam os alunos para o Diploma Universitário Tecnológico – DUT ou para a Licenciatura profissional ou para o mestrado profissional.

Registre-se que, somente alunos egressos do Liceu Acadêmico poderão fazer o exame para as áreas Literárias, Científicas e Econômicas, que os levarão às universidades. Aos que fizeram o Liceu Técnico ou Profissional caberá prosseguir os estudos no DUT.

O sistema formativo na França, como se observa, expõe de forma clara a divisão entre intelectual e manual, que marcará os caminhos profissionais a serem tomados pelos jovens, com amplo reconhecimento social do primeiro sobre o segundo, o que pode ser deduzido do fato de que resultados intelectuais não satisfatórios empurram o estudante para a formação profissional de cunho manual, e não o contrário.

Ressalta-se que os Liceus Acadêmicos e os Liceus Técnicos e Profissionais possuem estruturas muito próximas, ambos oferecem matérias gerais como francês, matemática, geografia, história, química, dentre outras. Além das matérias gerais os Liceus Técnicos e

<sup>4</sup> O baccalauréat foi criado em 1808 e é um diploma do sistema educativo francês que tem a dupla particularidade de sancionar o fim dos estudos secundários e de permitir o acesso ao ensino superior.

Profissionais possuem também as matérias técnicas. As exigências postas aos alunos desses Liceus, no que diz respeito às matérias gerais são, entretanto, menores do que as postas aos do Liceu Acadêmico, sobretudo para os que se encontram na carreira profissional.

A carreira técnica equivale aos cursos oferecidos pelos CEFETs e Institutos Federais e a carreira profissional aos cursos de outras instituições como os do Serviço Nacional da Indústria – SENAI. Concluídos esses cursos eles devem obter, após exame, o Baccalauréat Tecnológico ou Profissional (Bac Tecnológico ou Bac Pro), respectivamente. Caso apresentem bom desempenho escolar os que obtiveram um Bac Tecnológico podem continuar seus estudos em nível superior, já os da carreira profissional (Bac Pro) dificilmente terão essa chance porque não possuem a base suficiente para tal. O curso superior que dá continuidade ao Baccalauréat Tecnológico é o Brevet de Técnico Superior (B.T.S.) que equivale, no Brasil, aos cursos superiores de Tecnologia. Como o BTS tem duração de 2 ou 3 anos, dependendo do curso e exigem o Baccalauréat, eles são conhecidos como Bac + 2 ou Bac + 3.

A formação obtida com o Bac + 2 ou Bac + 3 pode ser completada com a Licenciatura Profissional ou mesmo com a formação em engenharia ou outra área, desde que o estudante tenha tido bom desempenho escolar. Registre-se, todavia, que o curso de engenharia realizado por este caminho não tem o mesmo prestígio social dos cursos de engenharia realizados nas chamadas Grandes Escolas. Os graduados pelas Grandes Escolas têm uma especial destinação no mercado de trabalho. De modo geral eles se dirigem às grandes empresas ou aos elevados cargos públicos.

O sistema de ensino francês possibilita uma formação profissional inicial que propõe um ensino concreto, estabelecendo uma relação com as empresas e seus ofícios. É um tipo de formação que permite ao aluno adquirir rapidamente um diploma facilitando a sua inserção na vida profissional ativa.

Alguns Liceus Técnicos e Profissionais preparam os alunos também para o Bac + 2, no caso o Brevet de Técnico Superior (B.T.S.) e encaminham os alunos bem sucedidos, neste último, para ensino superior mais avançado.

Fica visível, portanto, nesta rápida exposição, que, diferentemente do Brasil, o mérito se apresenta no sistema francês como mecanismo de promoção escolar e, finalmente, de destinação dos jovens, futuros trabalhadores, para um ou outro ofício.

O mérito, pelo menos aparentemente, conduzirá, em grande medida, uns para a formação operária e outros para a formação superior, como, por exemplo, a engenharia. Em outras palavras, a escola igualitária, princípio do sistema educativo francês, ofereceria as mesmas oportunidades a todos.

Na verdade, oferece-se uma escola igualitária a uma sociedade desigual, o que pode ser constatado com a forte presença na sociedade francesa de trabalhadores imigrantes, frequentemente operários de baixa escolaridade e pouca qualificação. As condições de vida desiguais e ambientes desigualmente desestimulantes contribuem fortemente para o fracasso escolar dos filhos dessa população, que pode ser registrado ainda no início da escolaridade e mesmo antes da escolarização (DURUT-BELLAT, 2009). Sabe-se, reforçando o que foi dito, que o fracasso escolar aparece mais nitidamente entre os filhos de operários do que entre os filhos de profissionais liberais. Como então falar de mérito?

Neste sentido, a formação técnica e, especialmente, a formação profissional se mostram ligadas ao fracasso escolar, e muito possivelmente esses profissionais portadores desse estigma, enquanto a formação acadêmica, ao seu sucesso. Os percursos escolares realizados nos Liceus Técnicos e Profissionais, caminho predominante para se acessar as formações profissionais relacionadas à engenharia, nos seus diferentes níveis e qualificações, inclusive a de engenheiro, para os mais bem sucedidos, estão intimamente associados ao fracasso escolar, ainda que o Liceu Técnico tenha sido uma opção do aluno e não uma impossibilidade de seguir o Liceu Acadêmico.

Se, por um lado, o acesso aos cursos de engenharia via Grandes Escolas<sup>5</sup> foi impossibilitado pelo desempenho insatisfatório do aluno no Liceu Acadêmico, por outro, o acesso a esse mesmo curso via Liceu Técnico e Profissional não é menos facilitado. Em outras palavras, o curso superior de engenharia é para poucos e isto parece se dever muito menos aos alunos ou ao mérito do que às condições de vida e lugar social que a escola parece desconhecer. A escola igualitária ou a meritocracia parecem desconhecer a desigualdade social posta, de antemão, aos alunos, futuros profissionais.

Dentro da lógica anteriormente discutida sobre a escola no Brasil, precisaríamos, na França, de uma escola rica para os filhos dos profissionais liberais, entre outros de mesma posição econômico-social, e uma escola ainda mais rica para os filhos de operários. Desconhecer a necessidade de se ter uma escola desigual para se atender com justiça uma sociedade desigual (Bourdieu, 1975) pode ser cômodo para uma sociedade que, como todas as outras, precisa de operários, de trabalhadores manuais. Em outras palavras, se todos tiverem chances à altura de suas necessidades e possibilidades, quem assentará tijolos e quem fará os cálculos estruturais das edificações? Como, inclusive, falar de mérito, ainda que possamos concordar que o sistema educativo francês seja meritocrático? Mas essa é outra questão.

Se, por um lado, parece não haver dúvida de que o sistema educativo na França se mostra intimamente comprometido com o caminho profissional que tomam seus alunos, a questão é como esse comprometimento ganha forma no cotidiano escolar? Neste sentido, que relações a escola estabelece com o aluno? E como os conduz a um ou a outro caminho?

### 3 METODOLOGIA

Para entender o papel do sistema escolar no caminho profissional tomado pelos jovens franceses optou-se, não por analisar o sistema a partir dele mesmo, da sua estrutura ou funcionamento isto porque ele já foi exaustivamente analisado por educadores franceses, mas como ele é experimentado pela comunidade estudantil. Para tanto, centrou-se atenção nos discursos dos jovens alunos dos Liceus Técnicos e Profissionais sobre suas próprias trajetórias escolares. Procurou-se detectar os elementos presentes nessas trajetórias, que os entrevistados acreditam ter contribuído ou não para que tomassem esse caminho. Foram feitas 1- Entrevistas semi-estruturadas centradas em: a) Contexto familiar e escolar (profissão dos pais; continuidade dos estudos; presença da família, influência dos professores); b) Desempenho escolar (fracasso/sucesso escolar).

#### 3.1 A instituição onde ocorreu a pesquisa

Por força de acordo acadêmico entre o Grupo de Pesquisa Programa de Estudos em Engenharia, Sociedade e Tecnologia – PROGEST, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG e o Liceu Martin Nadaud, localizado em Saint Pierre de Corps, França, que prevê intercâmbio entre alunos e pesquisadores, a pesquisa foi realizada neste Liceu, no período de março a abril de 2011.

O Liceu Martin Nadaud é uma escola de formação técnica e profissional de ofícios da Engenharia Civil. Ele oferece formação inicial nos formatos de Formação continuada e Formação em alternância<sup>6</sup> e cobre tanto o ensino técnico e profissional quanto o ensino superior (BTS). Ele desenvolve, ainda, programas de formação de adultos e de validação de competências em áreas específicas da Engenharia Civil, tais como grosso da obra, acabamentos, arquitetura (projetos), energia (sistemas de aquecimento e de refrigeração) e

<sup>5</sup> Uma dessas Grandes Escolas da França é a internacionalmente reconhecida École Nationale des Ponts et Chaussées (ENPC), fundada em 1747 e considerada a mais antiga escola de engenharia civil do mundo.

outros segmentos como módulos (janelas, portas) em alumínio, em vidro e outros materiais. Essas áreas, por determinação do município, podem ser extintas ou novas outras criadas, sempre em consonância com a demanda local.

A Instituição conta com laboratórios para todas as atividades práticas, cujas aulas nesta modalidade são precedidas de exposições teóricas e exercícios de fixação do conhecimento tratado. Ela possui, em média, quinhentos alunos, sessenta e cinco professores e, ainda, cento e quarenta e seis vagas em sistema de internato, oferecida aos alunos que moram distantes do Liceu.

Ela possui um serviço de orientação profissional e atividades como uma estação de rádio, programas de extensão comunitária, de lazer e de cultura.

Muito embora a direção do Liceu Martin Nadaud, seus professores e a própria organização institucional pudessem contribuir enormemente para a pesquisa, as dificuldades de maior aproximação com os professores e dirigentes da Instituição, devido às suas atividades escolares, nos obrigaram a centrar nossa atenção apenas nos jovens estudantes e em seus discursos sobre si mesmos e a Instituição. Três professores (1 do Técnico, 1 do Profissional e outro do BTS) concederam rápidas entrevistas.

### 3.2 Os alunos entrevistados

Foram entrevistados 22 alunos, escolhidos aleatoriamente. Os entrevistados são alunos de diferentes idades e formações (diplomas): Baccalauréat Profissional (Bac Pro) e Bac Tecnológico (STI), Brevet de Técnico Superior (B.T.S.).

Tabela 1 – Entrevistados, idade e curso

Aluno	Idade	Curso
1	20	BTS em Energia
2	18	BTS em Energia
3	20	BTS em Energia
4	19	BTS em Energia
5	17	STI- Génie Énergétique
6	18	STI- Génie Énergétique
7	19	STI- Génie Énergétique
8	18	STI- Génie Énergétique
9	19	STI- Sciences et Technologies Industrielles
10	18	STI- Génie Énergétique
11	19	STI- Génie Énergétique
12	19	BAC/Pro - Componentes em alumínio, vidro e materiais de síntese
13	20	BAC/Pro – Componentes em alumínio, vidro e materiais de síntese
14	19	BAC/Pro – Componentes em alumínio, vidro e materiais de síntese
15	19	BAC/Pro – Componentes em alumínio, vidro e materiais de síntese
16	19	BAC/Pro – Componentes em alumínio, vidro e materiais de síntese
17*	18	BAC/Pro – Manut. sistemas energéticos e climáticos. (Aquecimento)
18	18	BAC/Pro – Manut. sistemas energéticos e climáticos. (Aquecimento)
19	17	BAC/Pro – Manut. sistemas energéticos e climáticos. (Aquecimento)
20	15	BAC/Pro – Manut. sistemas energéticos e climáticos. (Aquecimento)
21**	19	BAC/Pro – Manut. sistemas energéticos e climáticos. (Aquecimento)
22**	22	BAC/Pro – Manut. sistemas energéticos e climáticos. (Aquecimento)

\*Sexo feminino \*\* Formação em alternância

## 4 RESULTADOS E ANÁLISES

### 4.1 As entrevistas

#### *O contexto familiar e escolar*

Profissão dos pais – Os pais dos entrevistados se dividem segundo suas profissões em trabalhadores autônomos (torneiro mecânico, mecânico, eletricitista, faxineira, cuidadora de idosos); empregados de empresas privadas (artesão de fábrica de cozinhas e banheiros, operários e pedreiros em empresas da Construção Civil, farmacêutica, “cameraman”, vendedor em lojas); empregados de instituições públicas (Banco da França, Central Nuclear, Escola primária).

“Meu pai é torneiro mecânico... Pretendo trabalhar em parque de diversão, como técnico de manutenção.” (Entrevistado 3).

“Meu padrasto é pedreiro... penso fazer outro curso como o de azulejista. (Entrevistado 16).

A princípio, não se pode estabelecer uma relação entre as profissões dos pais e a que os filhos devem obter ao concluírem seus estudos. Todavia, uns e outros, na maioria, se mantêm profissionalmente dentro de atividades manuais. Alguns declaram o desejo de continuar o trabalho dos pais ou desenvolver atividades similares, ainda que desejem superá-los.

Não se observa, também, uma relação direta entre a escolha do filho e o ofício exercido pelos pais, ainda que dois dos entrevistados tenham optado por seguir o ofício do pai ou de uma pessoa próxima (padrasto). Os entrevistados declaram ter liberdade de escolha do ofício, sem a influência dos pais, alegando ser uma escolha pessoal.

Continuidade dos estudos - Dentre os 12 entrevistados cinco declararam que não continuarão seus estudos.

“Não quero fazer o BTS...” (Entrevistado 16). “Não quero estudar...” (Entrevistado 20)

“Eu e meu irmão vamos montar uma empresa de distribuição de gás. Não vou continuar estudando.” (Entrevistados 21)

Muito embora mais da metade deles se declarem interessados em continuar os estudos, apenas alguns farão o BTS e, segundo um dos professores, poucos chegarão ao curso de engenharia.

“Por ano, em média, apenas um ou dois alunos que passaram pelo Liceu conseguem chegar a um curso de engenharia, no caso de engenharia civil. Os demais param pelo caminho. Neste ano não irá ninguém para a engenharia.”

As necessidades de ingressar rapidamente no mercado de trabalho associado ao fracasso escolar sugerem ser os fatores que vão, mais cedo ou mais tarde, definir para quase todos eles pela não continuidade dos estudos. Aparentemente, a não continuidade dos estudos não é para eles algo desastroso. O fato de serem filhos de operários ou trabalhadores sem formação superior pode contribuir para que aceitem a não continuidade dos estudos como um caminho “natural”. Os pais e os círculos de amizades nos quais eles estão inseridos parecem ser uma referência mais forte do que as que estão relacionadas à profissão liberal ou mais especificamente à engenharia.

Neste sentido, os que chegam aos cursos de engenharia têm, entre outros obstáculos o de incorporar referências diferentes das que balizam a vida operária.

Presença da família - Para a maioria dos entrevistados a ajuda dos pais, foi um dos fatores que contribuíram para que continuassem seus estudos.

“Meus pais me ajudaram muito, durante o colégio; principalmente em matemática.” (Entrevistado 13).

Alguns alegam que seus pais não os ajudavam por falta de tempo. Entretanto não é difícil imaginar que, também, em função da sua própria formação escolar, a condição de ajuda dos pais é limitada. A influência dos pais na formação profissional a ser seguida não foi observada.

A maioria dos entrevistados declara ter recebido ajuda da família para a realização dos trabalhos escolares. As mães aparecem com maior presença nessa ajuda e apenas um pai também de forma regular; os demais apenas quando tinham tempo. Os entrevistados declaram que a ajuda é dada, sobretudo, até quando eles atingem o colégio, depois muitos deles devem seguir sozinhos. O nível de conhecimento insuficiente dos pais, bem como de recursos financeiros, pode limitar a continuidade da ajuda.

Muito embora os pais possam confiar o futuro dos seus filhos à escola e nela acreditar, eles não se omitem diante das necessidades de ajuda dos filhos e fazem o melhor para atendê-los. Tudo indica que o sucesso de alguns deles se deve a essa ajuda.

*“Meu pai não me ajudou nos estudos, mas minha mãe sim, me ajudou muito, sempre fazia um ditado para mim e, graças a ela, foi que cheguei aqui no STI...”* (Entrevistado 11).

Ou seja, por mais que não se possa desconhecer o poder da escola para reproduzir as desigualdades sociais, não há como não se reconhecer a força da família no sentido contrário<sup>7</sup>.

**Influência dos professores** – Dentre os entrevistados, cinco deles declararam que receberam orientação dos professores para as suas escolhas profissionais que se complementaram às orientações oferecidas pela Instituição. O Liceu Martin Nadaud coloca à disposição dos alunos um serviço de orientação vocacional que lhes apresenta os vários e diferentes ofertados pela Instituição. A escolha, no entanto, é feita sob a orientação de um Conselho de Classe que, por vezes, contraria o interesse do aluno.

*“Quando a gente encontra nosso caminho é porque a gente foi bem enquadrado. Eu gosto muito desta carreira profissional porque eu fui bem enquadrado.”* (Entrevistado 1)

*“... eu fiz orientação vocacional e eu escolhi fazer o BAC-pro...”* (Entrevistado 14)

*“Eu queria fazer Energia, mas o Conselho de Classe me inscreveu em STI (Ciência, Tecnologia e Indústria).”* (Entrevistado 1)

*“Querida ser arquiteto, mas, como não tinha nível, não escolhi o Liceu Acadêmico e sim, o BTS porque fui orientado pela professora de Matemática, para fazer esse curso.”* (Entrevistado 4)

*“... o professor me incentivou, o que foi muito bom, para minha escolha, porque no BEP, como dizia o fulano (entrevistado número 2), existe um bom compromisso entre a teoria geral e o profissional, o que não há no Liceu Acadêmico.”* (Entrevistado 8)

A ajuda na escolha oferecida pelos professores ou mesmo a imposição de um caminho profissional a ser tomado pelo aluno é aceita por ele sem questionamento. De modo geral ele confia no professor e na sua “capacidade” de melhor enquadrá-lo e resigna-se com a decisão do Conselho de Classe. Essa resignação está em grande medida na aceitação de que o seu caminho já foi traçado por ele mesmo ao fracassar na escola ou ter um desempenho escolar insuficiente.

Apesar dos entrevistados declararem que a opção do curso é feita por eles mesmos, alguns alunos falam da “orientação” de seus próprios professores durante as séries finais do Liceu, segundo eles os professores tiveram importante participação na escolha de alguns.

## ***Desempenho escolar***

<sup>7</sup> Muitos trabalhos neste sentido vêm sendo desenvolvidos no Brasil, neste momento. Citamos um deles, o de PORTES, Elcio Antônio. “O trabalho escolar das famílias populares” in NOGUEIRA, M.A.; ROMANELLI, G. ZAGO, N. (ORGs). **Família & Escola**. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Editora, 2007.

Fracasso/sucesso escolar - Em todos os relatos colhidos, as histórias de fracasso escolar estão muito mais presentes que as de sucesso, o que acaba por se tornar uma constante para a grande maioria dos entrevistados, que, inclusive, repetiram o ano escolar. Apenas um deles diz ter tido um bom desempenho na escola e não obstante isto optou pelo Liceu Técnico e Profissional.

Eles relatam que suas maiores dificuldades se encontram em acompanhar as disciplinas de matemática, francês e, também, ciências.

Essas disciplinas, como nos informam, são as maiores responsáveis pelas reprovações e, de modo geral, determinantes para que o aluno seja conduzido do Liceu Acadêmico para o Liceu Técnico e Profissional.

*“Tive dificuldades em matérias gerais, especificamente em história francesa, matemática, ciências... Então optei por um curso profissional. Não fiz o Liceu Geral porque sabia que não era bom em matérias gerais.”* (Entrevistado 12)

Eles alegam, ainda que as dificuldades se devem a dois fatores: não se dedicaram aos estudos (malandragem) ou não tiveram tempo para se dedicarem ao estudo. Este último apontado principalmente pelos alunos que cursam a aprendizagem em alternância.

Eles responsabilizam a si mesmos por não terem se saído bem, principalmente por não terem se dedicado mais em função do trabalho ou do lazer. Outro fator apontado como causa do fracasso do aluno que recai sob sua própria responsabilidade é a falta de motivação e a dificuldade de assimilar o que lhe foi ensinado.

Tal comportamento é reforçado pela opinião de uma professora que acompanhou as entrevistas de seus alunos:

*“... os fracassos e as reprovações dependem mais dos alunos, que não conseguem assimilar tudo que lhes é ensinado; são alunos muito passivos, que não procuram aprender muito, têm pouca maturidade...”* (Professora do Bac Pro)

Dentre os entrevistados apenas um, que cursa o BTS, declarou ter optado pelo Liceu Técnico e Profissional por acreditar ser este Liceu mais completo. Ou seja, ele pode estudar matérias gerais e técnicas ao mesmo tempo.

*“existe um bom compromisso entre a teoria geral e o profissional, o que não há no Liceu Acadêmico.”* (Entrevistado 8)

Para os professores que entrevistamos a falta de motivação dos alunos é um dos maiores problemas. Para eles a ausência de motivação se deve ao fato deles possuírem tudo, se referindo à ajuda conferida aos cidadãos franceses pelo Estado. Para eles os fracassos e as reprovações dependem mais dos alunos, que não conseguem assimilar tudo que lhes é ensinado. Se referindo aos alunos inscritos na formação em alternância um deles diz:

*“Eles são alunos muito passivos, que não procuram aprender muito, têm pouca maturidade e entram muito cedo para o mundo do trabalho, porque necessitam disso. Só conseguem vencer na vida aqueles que têm muita maturidade e conseguem mesmo administrar o cansaço, já que estudam à noite, depois de 8 horas de trabalho e ainda assim, se interessam pelos estudos.”*

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fracasso escolar é uma marca do sistema educativo na França e responsável pelos caminhos profissionais tomados pelos jovens. Aos mais pobres, sob condições desfavoráveis, em desvantagens antes mesmo de serem escolarizados, está reservado o fracasso e a formação operária que se segue. Assegura-se a reprodução da classe operária, assim como as desigualdades sociais. Jovens do Liceu Martin Nadaud entrevistados, na sua grande maioria pertencentes ao mundo operário e referenciados por seus valores, parecem incorporar o fracasso como sendo deles e aceitam resignadamente a formação profissional que lhes é

designada pela Instituição. A participação da família na ajuda dos jovens em seus trabalhos escolares, ainda que limitada aos seus poucos recursos, se mostra importante para que os jovens possam escapar a um destino quase certo. Entretanto, para acessarem os cursos de engenharia os esforços devem ser maiores e poucos conseguem uma vaga.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADÉMIE D'ORLEANS-TOURS. Lycée Martin Nadaud - **Lycée des métiers de la construction et de l'énergie**. Disponível em <http://www.martin-nadaud.org/offre-de-formation/>. Acesso em: 30 maio 2011.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A Reprodução. R. Janeiro: Francisco Alves, 1975.

DUBET, F. “*Comment devient-on ouvrier?*”. Autrement. Ouvriers, ouvrières. Um continent morcelé et silencieux., n. 126, p.136-146, 1992.

DURUT-BELLAT, M., in TOULEMONDE, Bernard, Le système éducatif en France, Paris: La Documentation Française, 2009, (col. Les Notices), pp.269-279.

PORTES, Élcio Antônio. O trabalho escolar das famílias populares. In Família & Escola. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares, Petrópolis: Ed. Vozes, 2007, p. 61-80.

ROPE, F. ; Brucy, G. **Suffit-il de scolariser?** Paris: Les Éditions d'Atelier, 2000, 216p. (coll. Enjeux de Societé).

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. 8. ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985.

## PROFESSIONAL FORMATION IN FRANCE, CONSTRUCTION CAREERS

**Abstract:** *Professional formation in France is repeatedly marked by scholar failure. French schools, egalitarian, treat the poorest sons of the population who, under unfavorable conditions, are already at disadvantage even before they can be schooled. The young sons of these populations will inevitably take the path that leads to a working formation and will be able to replace their parents at the hardest works while the sons of self-employed professionals, among others, will take higher education courses and will be able to obtain engineering degrees, for example. Within the allegation of merit, which would exempt the school from responsibilities in the professional choices preferred by the young people, that is the French working class. As French educators confirm this fact, young students from a Professional and Technical Lyceum \_ in the civil engineering area \_ interviewed in this study show that one of the ways to promote their initiation in the professional working formation is by making them submissively accept scholar failure as a responsibility of theirs and the formation, which is something that is usually decided by the Lyceum, as being their best choice. These students' access to civil engineering courses seems to demand, besides other things, to break this submission apart.*

**Key-words:** *Professional formation in France, Engineering, Higher education, Working formation, Scholar failure.*